

ISBN: 978-88-7594-098-0

OPINIONE PUBBLICA E FORME DI COMUNICAZIONE A ROMA: IL LINGUAGGIO DELL'EPIGRAFIA

Atti
del Colloquio AIEGL – Borghesi 2007

a cura di

Maria Gabriella ANGELI BERTINELLI
Angela DONATI

FRATELLI LEGA EDITORI
FAENZA
Settembre 2009

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

A EPIGRAFIA DO MOMENTO: GRAFITOS... A COMUNICAÇÃO SEDUTORA!

O tema deste Colóquio – o monumento epigráfico qual vector de comunicação, dotado de uma linguagem específica, fomentador, além disso, podemos dizê-lo, de uma “opinião pública” (antes ou depois) – seria (é-o, sem dúvida) um tema caríssimo ao nosso Mestre, Giancarlo Susini. A inscrição, para ser lida, no fórum, na necrópole, nas vias – *compitare per via*, sabemos-lo, foi um dos temas que Susini inteligentemente estudou. E já o seu *Il Lapidista Romano* nos falava desta linguagem singular: é a Epigrafia a ciência do modo como, num determinado momento, o homem quis seleccionar ideias para as comunicar às gerações seguintes...

Vimos, até agora, sobretudo a inscrição “oficial”, bela, tecnicamente pensada, *ad aeternum*! Caracteres geometricamente talhados – que a mensagem a passar é uma mensagem de ordem, rigorosa: da Lusitânia à Dácia, do Egipto à *Britannia*... Epigrafia *perennis*!

Há, porém, uma outra Epigrafia. Alguém já a apelidou de “efémera”, designação inspirada no movimento artístico contemporâneo: a arte efémera, a arte do efémero! «Usa e deita fora!». Eu chamar-lhe-ei a “epigrafia do momento”!

De facto, se os *bolli laterizi*, por exemplo, desde sempre que atraíram a atenção dos estudiosos, dado o seu interesse como índice económico (digamos assim), os *grafitti* nas paredes e, sobretudo, na cerâmica comum, têm passado quase incógnitos, até há pouco menos de 40 anos, porque a escavação era feita por arqueólogos a quem fundamentalmente interessava a forma, a pasta... Entre nós, na Lusitânia, resulta primordial o trabalho de Georges Fabre e Robert Étienne, que incluíram no *corpus* de *Conimbriga* todos os grafitos descobertos (1). E, hoje, também aqueles que são

(1) R. ÉTIENNE, G. FABRE et P. et M. LÉVÊQUE, *Fouilles de Conimbriga, II – Épigraphie et Sculpture*, Paris 1976.

'fanáticos' pela cerâmica *tout court* sabem da possibilidade de encontrarem grafitos com indicações "técnicas": nome do proprietário, por exemplo, e... outras! (2)

A observação da onipresença dos grafitos dos nossos dias em todos os lugares despertou, obviamente, a atenção dos epigrafistas (3). Recordo que uma pesquisa como a de Robert Sablayrolles (4) vive muitíssimo dos grafitos deixados pelos *vigiles* de Óstia nas paredes das casernas. A vida quotidiana em Pompeios nunca se poderia reconstituir sem o recurso aos grafitos.

A *epigrafia do momento* poderá ser também a dos mosaicos das *villae*, porque serve a arte de bem acolher o visitante com algo de interessante para trazer boa disposição.

E a epigrafia clandestina das *toilettes* dos nossos dias não tem um precedente nos frescos inscritos das latrinas de Óstia?

Alfredo Buonopane referir-se-á aos *grafitti* das mulheres – e os *grafitti* para as mulheres? Plenos de uma ambiguidade verdadeiramente acutilante, sem limites!...

Em suma, o objectivo principal desta minha simples intervenção é apenas o de chamar a atenção para a importância enorme desta *epigrafia do momento* para o estudo da vida quotidiana

Façamos então, uma brevíssima 'viagem' de exemplificação – na Lusitânia e não só.

1. Conimbriga: o começo de uma atenção sistemática

No que concerne à Lusitânia, como se disse, coube à equipa luso-francesa que escavou Conímbriga publicar, pela primeira vez, de forma sistemática, os grafitos encontrados naquela cidade.

Citemos alguns dos casos mais curiosos ali estudados:

(2) Cf., de J. D'ENCARNAÇÃO, *Estudos sobre Epigrafia*, Coimbra, 1998, pp. 135-140 (capítulo com o título «Instantâneos de um quotidiano fugaz»).

(3) Interessantes as páginas redigidas, para o grande público, por Heather Pringle, que trazem como subtítulo a afirmação «Os grafitos deixados por cidadãos da Roma Antiga mostram ser um verdadeiro tesouro histórico»: *Vox populi – Mensagens dos romanos antigos*, Selecções Reader's Digest, Fevereiro 2007, pp. 66-71. Ver também: S.S. PATEL, *Writing on the wall*, «Archaeology», July/August 2007, pp. 50-53.

(4) R. SABLAYROLLES, *Libertinus Miles. Les Cohortes de Vigiles*, Collection de l'Ecole Française de Rome, 224, Roma 1996.

– Nº 357a: *Tolle me, Duate.*

Os investigadores reconstituíram este vocativo com alguma segurança, pois, apesar de apenas se ler *ate*, o antropónimo *Duatius* surge noutras inscrições de *Conimbriga*, e deram do texto a seguinte interpretação: «Soulève-moi, Duatius», «Levanta-me, Duácio!». Sugere-se, depois, a hipótese de *Duatius* ser o proprietário da oficina: «Il semble que l'on ait affaire au patron d'une officine et que la brique soit censée l'interpeller». Não se me afigura muito plausível esta interpretação no sentido concreto, pois não vejo motivo para que o tijolo solicite que... o levantem! A mensagem deve, naturalmente, entender-se como oriunda do próprio operário: o que ele pretende é que *Duatius* o erga, o tire dali, lhe dê outras condições de trabalho, lhe proporcione maior conforto... Claro que, nestas circunstâncias, a ambiguidade é rainha e, por isso, «tira-me daqui!» poderá, inclusive, conter interpretações mais... familiares também!

– Nº 357 b: *Duatius tacim filiu(s) felat te*, num tijolo completo, gravado também com estilete antes da cozedura (fig. 1).



Fig. 1.

Traduzem os editores:

«Duatius, il vaudrait mieux que je me taise: ton fils te suce».

E comentam:

«Ce texte est important dans la mesure où il nous fait connaître le latin “vulgaire” d’un ouvrier de Duatius. *Tacim, filiu* ne sont pas des formes classiques; la graphie *felat* relèverait par ailleurs du *sermo quotidianus*. Notons aussi quelques maladroites d’expression: le nominatif *Duatius* à la place du vocatif, *tacim* pour *taceam*. Quoi qu’il en soit, ce texte latin donne la mesure de l’acculturation à Conimbriga d’ouvrier briquetier, appartenant à une couche sociale humble. Nous disposons d’un document qui illustre le latin vivant, ayant pénétré un milieu resté attaché à son idiome indigène».

G. Fabre e R. Étienne analisam, depois, o significado socio-cultural mais profundo deste texto, aparentemente tão singelo: consideram-no uma «invective» e uma «injure diffamatoire», oriunda da «verve aiguë d’un ouvrier anonyme», de que é alvo o dono duma oficina; realçam que se trata de uma prova de que «le vocabulaire, sinon les moeurs de la *fellatio* ont gagné Conimbriga», inserindo, pois, a cidade numa «civilisation qui a méprisé les *fellatores*»; e comentam que, atendendo ao que se conhece de Pompeios, esta difamação poderá não ser assim tão deslustrante («sinon de bon goût»), pois que exemplos há da sua ocorrência entre os notáveis da cidade... Em Conimbriga, porém, ao que parece, ela terá partido de «un individu qui ne fait pas partie du milieu des notables ralliés».

Seja como for, insere-se, sem dúvida, na epigrafia clandestina, subversiva, que afortunadamente terá passado despercebida e por isso chegou aos nossos dias; se houvesse sido lida – como, decerto, com muitas outras epígrafes do género aconteceu – teria sido, obviamente, destruída no momento!

– N^o 358 a: *iix officina Maillonis diarias rogatas · solvi* – «Da oficina de *Maelo*. Cumpri a diária pedida».

Como já foi sobejamente sublinhado, esta espécie de desabafo, ao final do dia, tem duas conotações a salientar, do ponto de vista histórico. Primeiro, um certo à-vontade que reinaria nesse ateliê, pois que um dos operários não hesitou em escrever esta mensagem, que supomos não seria habitual, pois que outras se não encontraram; no mesmo sentido, aliás, se poderá interpretar o grafito seguinte, de saudação. Depois, um dado de índole técni-

ca, como atrás se falava: haveria, da parte do proprietário, uma preocupação de rendibilidade, apontando-se o que hoje se designaria como «objectivos de produção a atingir». A estas duas acrescentaria eu uma terceira, sugerida pelo uso do verbo *rogare*: há um pedido, uma *rogatio*, não uma imposição determinante; e esse aspecto não é de somenos, quando se reflecte sobre o que isso significa de respeito pela pessoa, numa óptica de produtividade e de relacionamento profissional.

– Nº 358 b: *Ave Maelo* – sobre um tijolo de quadrante, em caracteres cursivos, gravados ao correr da mão, com um pedaço de cana a servir de *calamus*, «Eu te saúdo, *Maelo!*». A saudação do operário ao proprietário da oficina, num clima de familiaridade e, também – porque não? – de uma certa bonomia, a mostrar que, mesmo sendo eventual escravo, não tem pejo em dirigir-se, assim, ao seu *dominus*.

2. Castelo da Lousa (*Conventus Pacensis*)

Dado que a barragem do Alqueva, no rio Guadiana, ia submergir o chamado castelo da Lousa (5), um pequeno reduto fortificado que, em tempo das guerras civis do final da República, defendia uma das passagens estratégicas da região, dele se procurou fazer estudo exaustivo, que reuniu uma equipa pluridisciplinar ligada ao Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra e cuja publicação se espera poder vir a ser concretizada no decorrer de 2008.

Coube-me a tarefa de estudar os grafitos da cerâmica ali encontrada.

No que concerne ao tema que ora nos ocupa, raras são as peças que poderemos aqui aduzir, pois o mais frequente são marcas não de oficinas mas simples sinais que serviram para identificar o proprietário de um lote, no momento em que, no forno, se procedia à sua cozedura. A existência diária, nesses tempos e nesse local, não se pode, pois, comparar com uma vivência urbana como a de Conímbriga e, por tal motivo, não admira que algo de mais significativo possa ser (é um exemplo)

(5) Cf. J. ALARCÃO, *Roman Portugal*, Warminster 1988, vol. II (3), p. 162 (nº 6/339).

Turia[e?, «de Túria», vendo aqui, na ambiguidade do genitivo de posse ou de um dativo de oferta, algo que se possa, de facto, prender-se mais com o quotidiano.

Inspirado no que vira em Conímbriga e, também, no tijolo de *Eburobrittium* onde se lê *usque hic trecenti* (6), interpretei as siglas FCCC como passíveis de quererem dizer *feci trecenti*, «fiz 300», mais uma vez a indicação de uma quantidade preparada.

Dados, pois, de um quotidiano concreto, pragmático, de gente como nós...

3. Mosaicos: uma espécie de grafitos, plenos de ambiguidade

Poderá parecer estranho que inclua aqui as inscrições – algumas inscrições – exaradas em mosaicos. Na verdade, afigura-se-me possível ver nelas uma espécie de grafitos, pois, tal como na linguagem dos grafitos, amiúde essas legendas estão plenas de ambiguidade (7) e funcionam como... “epigrafia do momento”, como atrás se referia.

Na *villa* romana de Torre de Palma, há um mosaico com a representação das nove musas. Sob elas, a legenda que eu reconstitui (8): *Scopa aspra tessellam ledere noli. Utere felix*, «Não estragues o mosaico com uma vassoura dura. Felicidades!». Trata-se de um pretexto para o voto habitual *utere felix*! Contudo, a quem se dirige a recomendação? Certamente é oriunda do proprietário, que a mandou inscrever aquando da preparação do mosaico, para que os seus serviçais disso se lembrassem. No entanto, o voto final detém alguma ambiguidade no que respeita ao seu formulador: foi o mosaicista, usando de um estereótipo corrente? É o proprietário, continuando a dirigir-se aos seus serviçais? É o dono da casa, em jeito de boas-vindas aos seus hóspedes? Mas não competiria aos hóspedes fazer a manutenção do painel!... No fundo, portanto, a intenção da frase não poderá ser rigorosamente tomada à

(6) Cf. J. D'ENCARNAÇÃO, J.B. MOREIRA, *Epigrafia de Eburobrittium*, Actas do Congresso A Presença Romana na Região Oeste, Câmara Municipal do Bombarral, 2005, p. 134.

(7) Várias vezes nos tem ocorrido, ao longo destas linhas, a palavra ‘ambiguidade’; na verdade, ela é realmente recorrente e a ambiguidade em epigrafia é mais comum do que, à primeira vista, poderia parecer, de tal modo que não hesitei em frisar que houve mesmo, no tempo dos Romanos, um «culto da ambiguidade»: cf. J. d'ENCARNAÇÃO, *Euge, victores! Ou le culte de l'ambigüité*, Serta Antiqua et Mediaevalia, VI, Roma 2003, pp. 167-173.

(8) J. D'ENCARNAÇÃO, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis – Subsídios para o Estudo da Romanização*, Coimbra 1984 [= *IRCP*], nº 602.

letra, pois são múltiplos, simultaneamente, os seus destinatários: o próprio *dominus*, os serviçais, os hóspedes...

Tal ambiguidade se observa também na conhecida legenda da chamada *villa* romana de Cardílio (Torres Novas, *Conventus Scallabitanus*) (9): *Viventes Cardilium et Avitam felix turre*. Com efeito, *Cardilius* é termo não documentado, quanto se saiba, em latim. O facto de *Avita* ser antropónimo corrente na epigrafia da Lusitânia levou-nos a pensar que *Cardilius* seria um antropónimo, na medida em que tudo postulava a referência a um casal de esposos. *Viventes Cardilium et Avitam* tem todo o aspecto de poder interpretar-se como um acusativo absoluto (10); *turre*, por seu turno, será, verosimilmente, o vocativo do feminino *turris*, querendo significar não «torre» mas propriedade, quinta ou, em latim, a própria *villa*. Uma interpretação à letra seria: «Ó feliz torre, viventes Cardílio e Avita!» (11). Linguagem sibilina, não há dúvida (12), mas que vai no mesmo sentido da inscrição de Torre de Palma: os hóspedes, ao entrarem na sala, lêem a legenda e, involuntariamente, formulam o voto de que Cardílio e Avita ali vivam muitos anos e felizes, a *villa* e os seus habitantes gozarão de prosperidade e bem-estar enquanto os anfitriões viverem!

Ainda neste domínio do aparente enigma, como que a aguçar a curiosidade e a imaginação e a perspicácia dos hóspedes, se insere, a meu ver, a legenda de um outro mosaico, este da *villa* de Santa Vitória do Ameixial, também no *conventus Pacensis* (IRCP 480), onde se lê

FELICIO TORRITATVS PEIOR EST QVA(m) VT CIRDALVS

que interpretei assim:

Felicio, torritatus, peior est qua(m) ut cirdalus.

Cirdalus é, mui provavelmente, um vocábulo tardio que poderá relacionar-se com o nome *cerdo*, designativo do operário da mais ínfima categoria, tendo a conotação expressiva que atribuí-

(9) Cf. J. ALARCÃO, *Roman Portugal*, Warminster 1988, vol. II (2), p. 114 (nº 5/56).

(10) Sobre o uso do acusativo absoluto, cf. A. HELTTULA, *Studies on the Latin accusative absolute*, Helsinki 1987.

(11) Cf. J. G. FREIRE, *Ainda sobre a inscrição de "Villa Cardílio"*, «Boletim de Estudos Clássicos», 5 (1986), pp. 99-104.

(12) Acrescente-se que, embora se nos afigura que esta é a interpretação mais correcta, novas interpretações acerca deste texto continuam a surgir: cf. A. J. SILVA, *(Nova) leitura de villa Cardilium*, «Munda», 27 (1994), pp. 39-42.

mos hoje, em português, ao vocábulo 'carroceiro', o condutor de carroças, grosseiro na sua maneira de falar e de agir, pois está habituado a tratar com animais. Desta forma, a legenda terá um sentido bem preciso:

«Felicção, queimado pela ira, é pior que um carroceiro».

Aliás, sob a figura do homem está a frase, em ablativo absoluto, *Felicione misso*, que é como quem diz, «Quando Felicção está fora de si». E bate com um vassoio – o utensílio usado para limpar o *praeurnium*, depois de cada 'fornada' – na escrava que não soube manter à temperatura correcta a água da piscina termal: Felicção escaudou-se, queimou-se... *Torritatus* tem o duplo sentido, físico («queimado») e psicológico («quente», «enfurecido» – e nessa duplicidade reside o picaresco da cena, susceptível de fazer sorrir com gosto quem entra e com ela assim de repente se depara.

Significa isso que tudo aqui se deve ler dessa forma burlesca? Creio que não. A admoestação concreta – de bem zelar pela temperatura da água – é... uma admoestação concreta, a ser tida na devida conta pelos escravos encarregados da manutenção das caldeiras, como convém.

Não resisto a comentar, ainda, um outro mosaico, de Puente Genil (Córdoba), em que se apresenta uma cena com intervenção de anões, figuras que, como se sabe, sempre despertam grande hilaridade. Não vamos deter-nos na observação miúda do que o mosaico apresenta, quer porque sobre ele se escreveu uma monografia (13), quer porque pormenorizadamente me debrucei sobre a inscrição, numa recensão crítica publicada na revista *Conimbri-ga* (29, 1990, p. 167-169). Referirei, pois, em síntese, as conclusões a que cheguei.

Da esquerda para a direita (fig. 2), vemos um homem a ser apanhado por uma enorme grua e atribuem-se-lhe as frases SV GERBIO e E FILI GERIO VALE. Em sua direcção, corre outro personagem com um pau na mão, que grita: SVBDVC TE PATER. Atrás, vinda do lado direito da cena, uma mulher, identificada como VXOR MASTALE, «esposa de grandes seios», a lamentar-se: AI MISERA DECOLLATA SVM.

Interpreto assim o conjunto, deveras hilariante:

(13) L. A. LÓPEZ PALOMO, J. LANCH, A. DAVIAULT, *Un mosaico con inscripciones – Puente Genil (Córdoba)*, Publications de la Casa de Velázquez, Madrid 1987 [= *AEp* 1987, 501].



Fig. 2.

E fili gerio vale é um pedido de socorro: «Ó filho, Gerion, ajuda-me!». O filho, anão, correndo, de bastão na mão, tenta matar o animal, perante o incitamento do pai – SV GERBIO, «Força, Gerbio!» – e grita SVBDVC TE PATER, «Ó pai, sai daí!». De cabelos ao vento, pressurosa, chora a mãe: AI MISERA DECOLLATA SVM, «Como eu sou infeliz! Eu vou perder a cabeça», referindo-se, naturalmente, à morte iminente do marido, caso não consigam abater o animal...

Perante tudo isto, que atitude terá o convidado do *dominus* senão a de rir a bandeiras despregadas, predispondo-se bem para o convívio ou para o banquete?

4. Óstia: a ironia do quotidiano

São bem conhecidos – ainda que, segundo creio, não muito comentados – os frescos que ornaram as paredes das latrinas das chamadas Termas dos Sete Sábios em Óstia. Ali estão representados diversos sábios, devidamente identificados com legendas em grego – SOLÒN ATHÈNAIOS, THALÈS MEILÈSIOS, CHEILÒN LAKE-DAIMONIOS... –, sentados na sanita, como que a mostrar que também os sábios carecem de cumprir os 'rituais' quotidianos dos comuns mortais... Se a situação, em si, já se reveste de pitoresco, as legendas pintadas assumem – quais grafitos da nossa contemporaneidade – requintado sentido de humor.

Reza uma (fig. 3):

VT BENE CACARET VENTREM PALPAVIT SOLON

«Para bem defecar, Sólon apertou a barriga».



Fig. 3.

Outra:

DVRVM CACANTES MONVIT VT NITANT THALES

«Tales recomendou aos que defecam duro que devem fazer força».

Ou ainda:

AGITA TE CELERIVS PERVENIES

«Se agitares, mais depressa te despachas!».

Quem, ao entrar ali, não esboçará um sorriso malicioso? (14).

5. *As ternuras na cerâmica comum*

Também neste domínio da utilização da cerâmica comum para veicular mensagens de ternura, são férteis os grafitos e muito se poderia dizer, caso se pretendesse traçar sobre esse tema uma panorâmica exaustiva. Poderá ser esse, na verdade, um caminho a percorrer com muito êxito, a possibilitar uma aproximação ainda maior ao quotidiano das gentes romanas.

Vamos, pois, referir-nos apenas a dois casos, a título de meros exemplos.

Na parte superior do bojo de uma talha, proveniente do Castro de Alvarelhos (Santo Tirso, *conventus Bracaraugustanus*), lê-se:

(14) Para além da consulta a livros sobre Óstia, esta informação está disponível em www.ostia-antica.org [Regio III – Insula X – Terme dei Sette Sapienti (III, X, 2)].

EME · ME ·
BONO · TVO

Imaginamos tratar-se de recipiente para um líquido agradável de beber (*eme*, imperativo do verbo *emere*, “tomar”) ou, numa outra acepção do mesmo verbo, «compra-me». Na primeira interpretação, estaríamos no domínio da oferta que se faz e cujas benéficas qualidades se apregoam; na segunda, situar-nos-íamos no campo, menos poético e mais utilitário, da publicidade. Descobre-se qual teria sido o conteúdo da talha: delicioso vinho, quicá! Dúvidas não temos, porém, quanto ao significado de *bono tuo*: é “para o teu bem”! Afastamos, por incómoda, a ideia de estarmos perante tisana terapêutica de sabor nada agradável, a exigir incitamento: «toma-me!». O certo é que, pela enorme ambiguidade de que se reveste, o letreiro esgrafitado, de palavras separadas por desajeitadas *hederae*, vagamente ‘faliformes’, excita a imaginação e... faz sorrir! (15)

Na chamada ‘Citânia da Raposeira’, identificaram-se, em 1989, dois fragmentos de uma tigela de *terra sigillata*, onde se leu sem dificuldade a palavra OCELLI (16). Não tivemos dúvidas em interpretar a palavra como sendo o genitivo do nome comum *ocellus*, que detém o significado de «olhinho». Deduzimos tratar-se de expressão carinhosa, como hoje, na linguagem corrente se diz, com todo o carinho: «Tu és os meus olhos!». E traduzimos, numa versão livre, «do meu bem», considerando que a tacinha fora ternamente oferecida a alguém e, assim, «do meu bem» ficava a ser, no dia-a-dia, como que uma marca de posse: é esta taça que lhe pertence e aquela que sempre vai usar. Mais uma vez, singelo grafito a permitir-nos uma entrada quase indiscreta no seio da comunidade familiar...

6. *Sedução inteligente em fusaiolas singelas, segundo M. Dondin-Peyre.*

Monique Dondin-Peyre lançou mão a um projecto de investigação do maior interesse, precisamente por estar a pôr o acento

(15) Cf. J. D'ENCARNAÇÃO, *Estudos sobre Epigrafia*, Coimbra 1998, pp. 138-140.

(16) Cf. C. PORTAS, J. D'ENCARNAÇÃO, *Grafito da Citânia da Raposeira (Conventus Scallabanus)*, «Ficheiro Epigráfico», 45 (1993), nº 204 [= *AEp* 1993, 889].

neste tipo de inscrições em objectos de uso corrente, designadamente em fusaiolas (17).

Do *corpus* que publicou no texto atrás citado recortamos quatro exemplos que se nos afiguram assaz significativos, se pensarmos que a fusaiola, pela sua graciosidade e, poderia servir, amiúde, de prenda dos rapazes ou dos cavalheiros às senhoras, sendo, na altura, a tecelagem uma das actividades do dia-a-dia das senhoras romanas. É neste contexto que devem, pois, interpretar-se as frases de multivariados significados que nelas foram inscritas pelos ofertantes, pois, em meu entender, devem sempre ser interpretadas como frase do cavalheiro (jovem ou menos jovem) dirigida à donzela ou à senhora, servindo a fusaiola de interlocutora personificada.

Reza, por exemplo, o nº 2 do *corpus* de Monique: IMPLERE ME / SIC VERSA ME (*CIL* XIII 10 019¹⁷), frase que tem sido interpretada como «Garnis moi et fais moi virevolter» e/ou «Remplis-moi et fais-moi tourner (la tête)». Há, pois, um significado bem concreto: é a fusaiola que solicita que encham o fuso de fibra, para ela, rodando, a tecer como importa. Existe, porém, um duplo sentido na frase, se, em vez da fusaiola concreta, agarrada ao tal trabalho concreto, imaginarmos a frase na boca do cavalheiro que a ofertou: «Enche-me», «engrossa-me», «fecunda-me» e... «dá-me a volta à cabeça» ou «faz-me perder a cabeça!». Um significado pleno de malícia e de perspicaz erotismo. À letra, aliás, poderíamos ter traduzido: «Engrossa-me, assim, revolteia-me!» ...

AVE VALE / BELLA TV – o nº 3 (*CIL* XIII 10 019¹⁸) – de Langres, já é, ao invés, mais pudico na sua declaração de galanteio: «Olá! Passa bem! És bonita!».

No nº 5 (fig. 4), de novo uma expressão banal pode assumir, no contexto, um significado bem diferente: AVE DOMINA SITIO, «Ave, senhora! Tenho sede!». Não é seguramente uma sede de água, mas sim uma sede de amor, de intimidades...

Nº 7 (fig. 5): GENETA VIS CARA (ou, menos verosimilmente, VISCARA).

Geneta seria um antropónimo feminino (que também surge no nº 8 desse *corpus*), relacionável com o etnónimo *Genetae*,

(17) Recorde-se que a palavra fusaiola vem do *italiano* (*fusaiuola*) e identifica o pedacinho de chumbo ou de latão que remata a ponta mais fina do fuso, e que ajuda a torcer o fio; o castão do fuso. Cf. M. DONDIN-PEYRE, *Épigraphie et acculturation: l'apport des fusaioles inscrites*, in J. DESMULLIEZ, CH. HOËT - VAN CAUWENBERGHE [org.], *Le Monde Romain à travers l'Épigraphie: Méthodes et Pratiques*, Lille 2005, pp. 133-146.



Fig. 4.



Fig. 5.

identificativo de um povo da zona do Ponto. *Vis* detém duplo significado: a segunda pessoa do presente do verbo *volo*, «queres», ou o nome feminino que significa ‘força’. *Cara* parece não oferecer dúvidas: adjectivo com o valor de «cara», «querida». No contexto de oferta de uma fusaiola por parte de um cavaleiro, seríamos tentados a pôr esta pontuação: «*Geneta, vis, cara?*», «Ó Geneta, tu queres, querida?». Um convite bem sedutor, portanto... Evidentemente, porém, que as hipóteses de interpretação não ficam por aí, se se pretender que *geneta* signifique «jovem» e que *Cara* seja o nome próprio ou se se interpretar *vis* como “força” e, nesse caso, *Geneta* seria uma “força querida”!...

Enfim, também as singelas inscrições em fusaiolas (e o *corpus* apresentado por Monique Dondin-Peyre contém 23!) nos permitem concluir como, neste tipo de textos, muito concisos e enigmáticos – quais oráculos de Delfos!... –, a ambiguidade é rainha e o quotidiano aí vive no sorriso momentâneo, na malícia arguta que deriva, em grande parte, do contexto em que essas inscrições se inserem.

Fonte primordial para essa penetração indiscreta no seio da vida familiar e social, olhar furtivo sobre um quotidiano... quase secreto – constituem igualmente um índice cultural não despiciendo, porque para o malabarismo dos conceitos é preciso... conhecê-los com alguma profundidade!

Um manancial, portanto, que arqueólogos, epigrafistas e historiadores da Antiguidade não podem menosprezar!